

A DIALÉTICA E O ENTRE-LUGAR EM *CONTOS GAUCHESCOS*, DE SIMÕES LOPES NETO

THE DIALECTIC AND THE IN-BETWEEN IN *CONTOS GAUCHESCOS*, BY SIMÕES LOPES NETO

Cristine Zirbes Severo¹
 Graduada em Letras-Literatura
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 (cristine.severo@yahoo.com.br)²

RESUMO: O artigo objetiva realizar a análise da obra **Contos Gauchescos**, de Simões Lopes Neto, focalizando o caráter dialético construído pelo autor na construção do discurso do narrador. As relações dialógicas apresentadas ao longo do artigo partem da teoria de Bakhtin e da crítica especializada. Com isso, foi possível perceber que perpassa pela obra um constante diálogo entre o regional com o universal, o passado com o presente, a idealização do gaúcho e a desconstrução desse herói. Vozes dissonantes que se chocam em um discurso único e refletem o momento de escrita dos *Contos Gauchescos*, momento de transição entre o passado e suas tradições e a modernização das cidades.

Palavras-chave: Simões Lopes Neto; **Contos Gauchescos**; Dialogismo

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyze the book *Contos Gauchescos*, written by Simões Lopes Neto, focusing on the dialectical character built by the author in the construction of the narrator's discourse. The dialogical relations presented throughout the paper start from Bakhtin's theory and the specialized critic. With this, it was possible to perceive that the book is filled with a constant dialogue between the regional and the universal, the past and the present, as well as the gaúcho idealization and the deconstruction of that hero. Dissonant voices that collide in a single discourse and reflect the time of writing of the *Contos Gauchescos*, a moment of transition between the past and its traditions and the modernization of cities.

Keywords: Simões Lopes Neto; *Contos Gauchescos*; Dialogism

Introdução

Ao estudarmos Simões Lopes Neto, percebemos que a palavra escrita está impregnada de marcas da oralidade, ou seja, a realização plena do discurso enquanto enunciação de um sujeito a outro. Para Bakhtin, somente nessa instância materializada da língua é possível haver relações dialógicas, ou seja, quando esta se torna enunciado:

Para tornarem-se dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar *autor*, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa. (BAKHTIN, 1981, p. 159)

¹ Mestranda em Literatura Brasileira

² Agência de fomento CAPES

Para Bakhtin, as relações dialógicas somente são possíveis na linguagem concreta, na linguagem em ação, ou seja, no discurso. Bakhtin não compreende a linguagem como algo externo à realidade social e histórica dos sujeitos que a enunciam, logo o discurso não é individual, já que se realiza entre seres sociais e históricos. Para além disso, Bakhtin afirma ainda a existência de um diálogo entre discursos, ou seja, as relações que os diversos discursos presentes em um enunciado mantêm entre si. Assim, o dialogismo compreende o diálogo entre discursos disponíveis aos interlocutores.

Nos **Contos Gauchescos**, encontramos um diálogo face a face, entre o narrador Blau Nunes e seu interlocutor (embora este não se expresse verbalmente, suas falas são intuídas pela voz do narrador). Mas encontramos também um diálogo entre discursos, presente na enunciação do narrador Blau. Todos os personagens, através da linguagem, constituem elementos sociais e históricos e são capazes de expressar significados sobre a realidade e pontos de vista próprios. Logo, um único personagem é capaz de expressar várias vozes discursivas em seu enunciado. É o caso de Blau Nunes. O discurso narrativo de Blau está permeado de relações dialógicas que constituem a dialética da obra. Observamos que Blau contém em seus enunciados um discurso ambíguo, que oscila entre uma consagrada tradição regionalista e um viés mais universalizante, ou humano. O mesmo percebe-se quanto à idealização – ao gosto romântico – do gaúcho e um olhar crítico e reflexivo – voltado ao caráter realista com o qual identifica a perda das tradições, do passado mítico e da figura lendária que habitava o pampa. Essa constatação leva o narrador a opor esse passado ao presente da escritura ou da enunciação do narrador, marcada pelas inovações urbanas.

Uma vez que a linguagem está atrelada às relações sociais e históricas dos sujeitos que a enunciam, a ambiguidade do momento histórico vivido por Blau acaba por impregnar seu discurso. Momentos de transição entre um passado tradicional e um presente modernizador confundem-se em suas palavras. É a partir dessas relações dialéticas que a obra de Simões se constrói e constitui um enunciado que se localiza no entre-lugar desses discursos. Ao ser o portador de diversas vozes, cria a possibilidade para formar uma unidade discursiva nova.

O dialogismo de Contos Gauchescos

A obra do escritor gaúcho Simões Lopes Neto é inserida pela crítica e pela historiografia literária dentro do campo geral denominado regionalismo. Os **Contos Gauchescos** foram publicados em 1912, momento em que as cidades, em processo de modernização, tornam-se o centro da cultura e criam um novo sistema para viver em sociedade, anteriormente associado ao ambiente do campo. Com a perda do vínculo identitário baseado no meio rural, surge um sentimento saudosista em relação aquele passado, que passa a ser visto, em contradição com a cidade, como um espaço paradisíaco. O reflexo disso na literatura do início do século XX fez surgir uma série de obras que retratavam o universo interiorano, bem como o indivíduo, a linguagem e os costumes pertencentes aquele local, muitas vezes sob o viés da nostalgia e da memória. Classificadas como regionalistas, essas obras representam, de maneira geral, um mundo em decadência. No Rio Grande do Sul, nomes como Alcides Maya e Simões Lopes são considerados os grandes exemplares dessa vertente literária.

O regionalismo no Brasil tem suas primeiras manifestações no século XIX, consolidando-se como matéria narrativa com os escritores românticos. Sua intenção era valorizar o cenário e a cor local, construindo uma identidade e nacionalidade que se desvinculasse da influência europeia e formasse uma tradição literária e artística próprias. José de Alencar, com **O Gaúcho** e **O Sertanejo**, ou as poesias indianistas de Gonçalves Dias são tentativas de cumprir a missão de fundar uma origem autóctone ao país recém independente.

No Rio Grande do Sul, os intelectuais aderiram a essa ideia, mas sob uma nova roupagem. Como o indivíduo do Sul não criara identificação com o índio exaltado pelos românticos do centro do país, os escritores sulistas representaram de forma idealizada e super valorizada o habitante rural da Província. O passo inicial foi dado pela Sociedade Partenon Literário e seu mentor, Apolinário Porto Alegre. Foi com a criação da Sociedade que se difundiu, na literatura, a figura do gaúcho e a valorização dos costumes locais, bem como do folclore e dos mitos e lendas da região. Assim, sob forte influência do romantismo, que idealizou um herói nacional no índio, o escritor do Rio Grande, não se identificando com esse personagem, encontra no homem rural, no peão de estância, que ao mesmo tempo atua como soldado nas diversas guerras de fronteira, seu herói local.

Em Simões Lopes, juntamente a esse regionalismo marcante, percebemos que os causos contados por Blau superam a simples descrição de cenários e costumes locais para apresentar uma visão de mundo peculiar, que revela sua psicologia enquanto ser humano. Blau rememora, analisa, opina e interpreta os fatos narrados a partir de seu próprio olhar, fazendo com que prevaleça o *eu* do personagem/narrador sobre os fatos históricos e a cor local apresentados. A narrativa está voltada para a abordagem da psicologia dos indivíduos, seus dramas, suas ações, seus questionamentos, enfim, sua visão de mundo. Isso garante à obra de Simões Lopes Neto um patamar para além do regionalismo. Flávio Loureiro Chaves afirma que “Simões Lopes Neto é o maior dentre todos os regionalistas da sua época não porque tenha sido regionalista mas, ao contrário, porque ‘nele o regionalismo nada mais foi senão uma forma ideal de expressão artística dentro da literatura’” (CHAVES, 2001, p. 17-18). Esse aspecto da obra simoniana constrói uma dialética constante entre o caráter regional da obra e sua expressão humana totalizante.

No entanto, o regionalismo praticado pelos românticos diferencia-se daquele praticado pela geração de Simões e Alcides Maya. Nestes, a idealização dos caracteres compete com uma visão mais realista e crítica do ambiente rural e do tipo social representado, sucedida, mais tarde, pelos romances regionalistas da década de 30.

A consciência de um universo em extinção permeia as narrativas das primeiras décadas do século XX. Aquele antigo espaço aberto, sem limites, povoado apenas pelo gado sem dono, entra em declínio. Sobre isso, Fischer afirma que

Ao fazer os poemas e as narrações sobre o cavaleiro-guerreiro, os escritores estavam não apenas tomando um assunto disponível: estavam recolhendo um cadáver que a história estava deixando para trás e transformando-o em símbolo (...). Enquanto tipo social, o gaúcho estava deixando de existir: ao fim da Guerra, aquele que não morreu pôde se integrar ao exército imperial, abandonando a vida relativamente à margem da lei; pela crescente integração de mercado que o charque estava experimentando, ele passava a ser mais um empregado na estância e eventualmente em tarefas próximas da cidade; os campos começavam a ser cercados, fisicamente, e ao longo do tempo as estradas vão substituindo os caminhos espontâneos do campo, e isso também vai limitando a mitológica andança livre, sem restrições, a que ele talvez estivesse afeiçoado. (FISCHER, 2004, p. 40)

Os escritores da Província, no início do século XX, registram um universo em decadência. Apesar disso, não abandonam totalmente a idealização da figura do gaúcho, tendo em vista que valores qualitativos como a honra, coragem, valentia, lealdade, virilidade, ainda são fortemente exaltados em suas obras, conforme a prática da geração anterior. A obra simoniana encontra-se, assim, entre dois pólos: uma visão idealizada do passado e do herói gaúcho e um olhar realista, que detecta sua finitude.

A idealização romântica verifica-se, em Simões Lopes, principalmente nos **Contos Gauchescos**, mais especificamente em seu protagonista. Ao introduzir Blau Nunes como narrador – conseguindo com isso uma virada de foco narrativo até então ainda não explorada com tamanha consciência estética – passa a palavra ao homem local, para que este possa ser o autor de sua própria história. O interlocutor de Blau o apresenta com as características exaltadas no tipo gaúcho pela tradição, um “Genuíno tipo — crioulo — rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável” (LOPES NETO, 2011, p. 16). Em seu primeiro conto, “Trezentas onças”, Blau surge como protagonista. Não é por acaso que esse é o conto de abertura do livro, pois nele conhecemos as virtudes tanto de Blau quanto do homem do campo em geral. Qualidades como a honestidade – tanto de Blau, que não foge e pretende enfrentar o castigo por ter perdido o dinheiro, quanto dos tropeiros, que recolheram a guaiaca e a devolveram ao dono –, a solidariedade, a coragem e a hombridade em voltar e responsabilizar-se por seus atos, a lealdade e a honra são valores intrínsecos, não necessitando, por isso, de explicação ou questionamentos. Há, nesse conto, a partir da descrição das ações dos personagens e da caracterização das virtudes acima descritas, a heroificação do narrador.

O processo de idealização do gaúcho, herdado dos românticos, percorre o livro de maneira geral. Em contos como “Melancia – coco verde” ou “Deve um queijo!”, embora as qualidades de virilidade, honra, coragem e força estejam presentes, o que está em evidência é sua esperteza e sagacidade. No primeiro, através do personagem Reduzo, cuja missão é impedir que a sua Talapa se case com um ilhéu, devido à paixão entre ela e Costinha. No segundo conto, o Velho Lessa, um homem muito sisudo, segundo o próprio Blau, ao quase ser enganado

por um castelhano, o qual insiste para que o Velho Ihe compre um queijo, obriga o estrangeiro a comer o queijo todo até sufocar e vomitar, como forma de castigo pela afronta.

Em “Correr eguada”, Blau nos apresenta o espírito aventureiro e desbravador do gaúcho. Não há, nesse conto, um fluxo narrativo bem definido. Há uma descrição saudosa e nostálgica da caça ao gado alçado praticada em tempos passados pelos homens e que no final tornava-se festa e diversão. A gauchada vinha para correr atrás do gado solto e capturá-lo, porém Blau vai além da simples descrição e nos apresenta uma imagem de festa, aventura, liberdade e conquista associada à personalidade do tipo gentílico referido:

Aí a gente entrava a manguear, aos dois lados, e então é que começava, de verdade, o divertimento!
 (...)
 Barbaridade! Nem há nada como tomar mate e correr eguada!
 (...)
 Aí é que era o lindo!
 Os fletos montados, alevianados, corriam, alçados no freio; os tiros de bolas cruzavam-se nos ares... e aquilo era largar as três-marias sobre a paleta do escolhido e o bagual logo rodava, no enleio das sogas.
 (...)
 Isto quando era por divertir. (LOPES NETO, 2011, p. 62-63)

O homem local aparece, ainda, em “Chasque do imperador”, mas nesse caso como contraponto ao outro, o homem da cidade, urbanizado. Durante a Guerra do Paraguai, em 65, o Imperador Pedro II veio à província acompanhado de uma comitiva. Blau conta que foi seu homem de confiança por algum tempo e durante o período em que desempenhou esse trabalho, presenciou algumas cenas que descaracterizavam o imperador, diferenciando-o de si e dos demais pertencentes ao universo gaúcho. O conto é repleto de pequenos causos que contam alguns fatos acontecidos com o imperador durante sua temporada na província. Assim, Blau narra que

Havia um que era barão e comandava um regimento, que era mesmo uma flor; tudo moçada parelha e guapa.
 O imperador gabou muito a força, e aí no mais o barão já lhe largou esta agachada:
 — Que vossa majestade está pensando?... Tudo isto é indiada coronilha, criada a apoio, churrasco e mate amargo... Não é como essa cuscada lá da Corte, que só bebe água e lambe a... barriga!...
 (LOPES NETO, 2011, p. 68-69)

Nessa passagem, é marcada verbalmente a diferença entre a rudeza e a força do gaudério em contraste com as pessoas afrancesadas da Corte e do meio urbano. Constrói-se, dessa forma, a identidade do gaúcho a partir da comparação com o outro. Blau reconhece que existe um **nós**, delimitado tanto geográfica quanto social e culturalmente, e esse **nós** diferencia-se do **eles**, ou seja, aqueles que estão fora dessas fronteiras imaginárias. Temos, então, de um lado, a “indiada coronilha” *versus* a “cuscada lá da Corte”, o homem pertencente ao universo da linguagem oral (Blau) *versus* o letrado (meio urbano, ou o próprio interlocutor das histórias). Isso vai ao encontro do esquema dialógico formulado por Bakhtin, ao analisar o romance de Dostoiévski: “a contraposição do homem ao homem enquanto contraposição do “eu” ao “outro”” (BAKHTIN, 1981, p. 223).

A ridicularização do imperador, e por consequência dos habitantes da Corte, aparece ainda na fala de Blau em passagens como “O imperador — esse era meio maricas, era!” (LOPES NETO, 2011, p. 70) ou “O imperador, com toda a sua imperadorice” (LOPES NETO, 2011, p. 71). Também na própria fala do imperador, quando este nega o fumo do soldado gaúcho alegando que “parece-me forte o seu fumo...” (LOPES NETO, 2011, p. 68), confirmando o “maricas” atribuído por Blau.

No entanto, para além do heroísmo idealizado, em certos momentos dos *Contos*, encontramos a subversão desta característica. Como ocorre em “O jogo do osso” e “Negro Bonifácio”, nos quais é narrada a extrema violência e o caráter guerreiro do gaúcho, realidades fortemente presentes no universo retratado. No primeiro, a gratuidade e naturalidade da violência são expressas no final do conto, na fala do dono da venda: “Pois é... jogaram o osso, armaram a sua paranda... mas nenhum pagou nada ao coimeiro!... Que trastes!...” (LOPES NETO, 2011, p. 115). O mesmo se dá em “Negro Bonifácio”, conto em que ocorre uma verdadeira chacina. Novamente, o estopim da briga é uma mulher, nesse caso a Tudinha, descrita como sendo muito linda e de boas formas, com um diferencial das demais: o poder dos olhos.

Blau revela as contradições do homem representado. As mesmas qualidades reiteradas ao longo dos *Contos*, nesses casos, levam à violência, ao machismo, ao uso da força bruta, à disputa nas armas como resolução dos conflitos, etc. A honra e o orgulho feridos desencadeiam batalhas sangrentas, com as quais o narrador não compactua. No entanto, apesar de posicionar-se contrário a essas

atitudes, as enxerga como um elemento pertencente aquele homem heroificado em outros contos, presentes no seu universo primitivo, anterior à civilização. O gaúcho exemplar cede lugar ao seu reverso, e essa ambivalência também o constitui.

Essa dialética entre o olhar idealizado e o olhar crítico de Simões, faz oscilar entre a exaltação romântica do herói e a percepção realista do ambiente ao qual pertence, ou seja, da mesma forma que mantém valores da tradição, contribuindo para a construção da figura mítica do gaúcho, é capaz de refletir objetivamente sobre o universo descrito e enxergar suas contradições. Quanto ao destino do gaúcho – antigo “monarca das coxilhas” – em tempos de bonde e luz elétrica, automóveis, grandes avenidas e trem a vapor, Simões também apresenta um olhar dúbio, compondo uma nova dialética, dessa vez entre a nostalgia do passado e o presente “tão modificado”. Há, nos *Contos Gauchescos*, um intervalo entre o Blau jovem, protagonista ou testemunha dos causos, e o Blau velho, narrador, conforme o próprio texto já anunciava:

Entre o Blau — moço, militar — e o Blau — velho, paisano —, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações — casos, dizia —, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende, ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca. (LOPES NETO, 2011, p. 16-17)

Nesse intervalo entre o moço e o velho estão localizados os fatos narrados, que são recuperados na velhice pela memória. É visível que, à época do Blau velho, os tempos não são mais os mesmos:

Tudo era aberto; as estâncias pegavam umas nas outras sem cerca nem tapumes; as divisas de cada uma estavam escritas nos papéis das sesmarias; e lá um que outro estancieiro é que metia marcos de pedra nas linhas. (LOPES NETO, 2011, p. 59)

O espaço descrito nos **Contos Gauchescos** é o território sem fronteiras da antiga Província. Como já dito anteriormente, o presente de Blau modificou-se e, nos **Contos**, adquire aspectos de negatividade, em contraposição com o passado, positivado pelo olhar saudoso do narrador.

Embora Simões mantenha a tradição literária romântica ao idealizar a figura do gaúcho, percebemos em sua narrativa que seu olhar realista identifica o fim de uma era. Isso se deve pelo fato de, no momento em que o escritor compõe seus contos, lendas, e causos, aquele passado inexistir como realidade, substituído pela

civilização progressista e pela ascensão da classe burguesa, citadina e urbanizada. Dessa forma, da mesma maneira que Simões Lopes reafirma e reconstrói o passado mítico, também percebe sua decadência e a impossibilidade de revivê-lo. Contos como “O boi velho” e “Contrabandista” expressam essa dualidade.

No primeiro, a descrição da família remete à inserção dos novos tipos sociais que invadem o espaço gaudério: os Silva, “uns Silvas mui políticos, sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes” (LOPES NETO, 2011, p. 55). A figura do político, um tanto imprecisa ainda para Blau, usurpa o poder de mando do estancieiro, e traz consigo a nova maneira de governar, baseada na lógica positivista. O conto relata o abate do boi pelas mãos daqueles a quem tanto servira, agora apenas interessados no couro que ele haveria de render. A morte do boi, apesar de desoladora, não é questionada nem sentida pelos membros da família. Apenas Blau, através do seu discurso, demonstra inquietação com a atitude: “Veja vancê, que desgraçados; tão ricos... e por um mixe couro do boi velho!...” (LOPES NETO, 2011, p. 58). E em seguida, repete o refrão: “Cuê-pucha!... é mesmo bicho mau, o homem!” (LOPES NETO, 2011, p. 58). A insatisfação de Blau se dá pela dissociação entre homem e natureza que passa a vigorar com os novos tempos. Essa é uma realidade difícil de compreender para ele, já que em “Trezentas onças” sua integração com a natureza lhe salva a vida. Essa nova gente cuja identificação é maior com o ambiente urbano das cidades em construção, agora metida em políticas e eleições, desintegra os valores do homem do campo, aqueles mesmos valores que o narrador tenta resgatar com seus causos.

“Contrabandista” repercute a mesma lógica do conto anterior, mas através do cerceamento das fronteiras, da fiscalização dos produtos contrabandeados, da repressão dos militares representantes do governo brasileiro, ou seja, da lei escrita, em contraposição à oralidade marcante do narrador e dos personagens. Inicia com a apresentação de Jango Jorge ao seu interlocutor:

Esse gaúcho desabotinado levou a existência inteira a cruzar os campos da fronteira: à luz do sol, no desmaiado da lua, na escuridão das noites, na cerração das madrugadas...; ainda que chovesse reíunos acolherados ou que ventasse como por alma de padre, nunca errou vau, nunca perdeu atalho, nunca desandou cruzada!... (LOPES NETO, 2011, p. 103)

É um tipo genuíno, gaúcho à maneira de Blau e dos de seu tempo, participante das principais guerras do século XIX. Ao contrário dos Silvas, de “O Boi Velho”, ainda mantinha uma relação intrínseca com a natureza e com a paisagem percorrida, pois identifica os espaços pelo faro e pelo gosto:

Conhecia as querências, pelo faro: aqui era o cheiro do açouta-cavalo florescido, lá o dos trevais, o das guabirobas rasteiras, do capim-limão; pelo ouvido: aqui, cancha de graxains, lá os pastos que ensurdecem ou estalam no casco do cavalo; adiante, o chape-chape, noutro ponto, o areão. Até pelo gosto ele dizia a parada, porque sabia onde estavam águas salobres e águas leves, com sabor de barro ou sabendo a limo. (LOPES NETO, 2011, p. 103)

Um homem dos antigos, cuja associação com o ambiente natural era sinestésica, em contraposição à relação mercantilista que a civilização citadina exige. Passa, em seguida, à descrição de sua família e ao anúncio do casamento da filha, esta não mais correspondendo ao mesmo universo do pai ao decidir buscar fora de casa o enxoval: “Aonde, não sei; parecia-me que aquilo devia ser feito em casa, à moda antiga, mas, como cada um manda no que é seu...” (LOPES NETO, 2011, p. 105). Assim como em “Boi Velho”, há um contraste entre o tempo passado e o tempo presente, representados tanto nos personagens – Blau/Jango *versus* os Silva e a filha – quanto nas ações do enredo, já que as fronteiras bem protegidas pela guarda nacional não permitiam mais o deslocamento livre do homem do campo por esses pagos.

Considerações finais

Se para Bakhtin “Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a científica, artística), está impregnada de relações dialógicas” (BAKHTIN, 1981, p. 158-159), a obra de Simões não foge à regra. A dialética entre o gaúcho do passado e seu contemporâneo, do presente, é revelada ao interlocutor/leitor através do ponto de vista do narrador, nas entrelinhas de sua fala ou expresso diretamente em seu discurso. Simões, em certos momentos, utiliza-se de artifícios alegóricos ou metafóricos para expressá-la (como a morte do boi pelas pessoas a quem ele servira, ou na construção de personagens tipos), mas é pelos comentários e interrupções ao fluxo narrativo do caso que se evidencia a

constatação de um passado não mais possível, conforme realça em contos como “Correr eguada”, “No manantial” ou “Contrabandista”, acima analisados.

A obra simoniana constrói-se, assim, a partir de uma série de relações dialógicas. De início, encontramos a dialética entre o olhar romântico, que tende à idealização, e um olhar realista, que desmistifica o herói e seu passado glorioso. Essa dialética leva a outras, tais como o caráter regional dos contos *versus* um viés mais amplo e universal. Ou entre a lamentação do passado extinto e o presente irreconhecível, paralelamente à construção e desconstrução do herói.

Além disso, Simões Lopes, em suas obras, se vale do folclore e do mito, resgatando a forma tradicional do conto e do ato de contar uma história. Entretanto, há também o esforço em traçar uma estrutura narrativa elaborada, que se insere no gênero moderno denominado Conto. Pode-se afirmar que a modernidade de seus escritos se evidencia por essa dialética entre a tradição oral e folclórica, ou seja, uma história para ser contada, e sua estruturação no gênero moderno de narrativa curta, que contém características próprias, como a extensão, a densidade, a brevidade, o recorte em contraposição à totalidade da narrativa longa, etc.

A obra de Simões localiza-se nestes entre-lugares: entre o olhar romântico e realista, entre o discurso regional e universal, entre o herói idealizado e o homem da urbe, entre passado e presente, entre oralidade e escrita, entre o tradicional e o moderno. É possível afirmar, logo, que **Contos Gauchescos** possui um discurso polifônico, uma vez que possui uma multiplicidade de vozes as quais expressam pontos de vista e opiniões distintas, que geram um embate interno ao personagem.

Blau expressa, em seu enunciado, a dialética de seu próprio tempo. Com a modernização das cidades, surge o questionamento sobre o lugar que passaria a ocupar as tradições, os costumes do passado, o herói glorificado décadas antes. Blau não possui muitas certezas, mas ele reconhece o período de transição vivido. Carrega consigo os antigos hábitos, mas percebe que estes não são mais necessários no novo ambiente urbano. Assim, seu enunciado está repleto de relações dialógicas oriundas dos discursos conflitantes da época. Literatura e sociedade refletem-se e revelam-se a a partir das múltiplas vozes de um personagem.

Referências

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

CHAVES, F. L. **Simões Lopes Neto**. 2. ed. rev. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Editora da Universidade, 2001. 296 p.

FISCHER, L. A. **Literatura Gaúcha**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004. 160 p.

LOPES NETO, J. S. **Contos Gauchescos & Lendas do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 2011. 224 p.

Bibliografia complementar:

CHIAPPINI, L. **No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 416 p.

FILIPOUSKI, A. M.; NUNES, L. A.; BORDINI, M. G.; ZILBERMAN, R. **Simões Lopes Neto: A invenção, o mito e a mentira**. Porto Alegre: Movimento: IEL, 1973. 135 p.

MEYER, A. **Prosa dos Pagos: 1941-1959**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960. 327 p.

ZILBERMAN, R. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. 216 p.